

SOCIOLOGIA DO FUTURO: CONSCIÊNCIA, INTELLECTO E FORMAÇÃO

SOCIOLOGY OF THE FUTURE: AWARENESS WITHIN THE INTELLECTUAL AND ACADEMIC
DEVELOPMENT

Danilo Arnaut ¹

*Não é fácil soltar-se do presente, ou do passado, como
experiência vivida, alegre e sofrida, para imaginar o futuro,
uma sociedade diferente, outros territórios, a sociedade
mundial, a humanidade.*

Octavio Ianni

RESUMO: Este ensaio é uma reflexão crítica sobre o ofício de sociólogo na contemporaneidade. Com base na ideia de que a sociedade se autodescreve, o objetivo é examinar em que medida o sociólogo situa-se em meio a outros atores nas disputas narrativas entre diferentes saberes (disciplinares e também não acadêmicos), sustentando que sua relevância encontra-se, hoje, na capacidade de vincular a tradição de predizer tendências à força carismática do intelectual.

Palavras-chave: intelectuais; sociologia da sociologia; epistemologia das Ciências Sociais.

ABSTRACT: *This text is a critical reflection upon the contemporary craft of sociology. Based on the idea of the society's self-description, the aim is to examine how the sociologist has been situated among other actors within the coexisting narratives throughout a variety of spontaneous or even academic knowledges, arguing that the sociologist's relevance lies today in the capability of harmonise the tradition of predicting tendencies with the intellectual's charismatic strength.*

Keywords: *intellectuals; sociology of sociology; epistemology of Social Sciences.*

¹ Professor Substituto no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Políticas Públicas da Universidade Estadual Paulista (NEPPS-Unesp-Franca) e doutorando em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: daniloarnaut@gmail.com

DESCRIÇÃO E CONSCIÊNCIA: A SOCIOLOGIA COMO AUTOLOGIA REFLEXIVA

A Sociologia pode ser vista como uma forma de autodescrição ou autoconsciência (reflexiva) da sociedade dentro dela mesma. Formulando e reformulando de modo intermitente esse conceito fundamental de *sociedade*, mostra-se como discurso que descreve, explica, compreende ou interfere nas dinâmicas, processos, relações e estruturas sociais, comportando-se como um qualificativo que predica a respeito de si próprio. É, a um só tempo, produto e produtora da história.

Mas é justamente na história que ela ocupa um lugar no mínimo desconfortável. Ocorre que a Sociologia, sendo uma ciência, encontra-se, por um lado, pressionada pelas expectativas do rigor – argumentativo, racional, técnico. Por outro lado, contudo, necessita afinar seus receptores de sensibilidade com as diversas esferas da sociabilidade, a fim de captar processos, relações e estruturas que estão *em germen* e, assim, dificilmente seriam apreendidos pela trepidez da análise, dos raciocínios de dedução e indução, dos recuos estruturais, das tergiversações funcionalistas ou dos mapeamentos sistêmicos. Com efeito, o raciocínio sociológico não pode limitar-se às evidências: está profundamente ligado à percepção de tendências, ao trabalho de imaginação do futuro (que é um cálculo não-formal de probabilidade) ou, em última instância, à predição. Sim, de pouco serviriam as teorias sociais, a pesquisa empírica e a investigação dos movimentos da sociedade se nada fosse possível afirmar sobre o seu futuro. Pensar a sociedade é, em grande medida, buscar desvendar elementos do seu devir. Toda Sociologia é, de algum modo, uma Sociologia do Futuro.

Essa atenção para o futuro do presente, no presente, representa, para o pensamento sociológico, tanto a chave para a sua legitimação, quanto a origem de sua luta contra construções concorrentes de discurso e inteligência do social. No passado (vale recordar que a Sociologia é uma invenção moderna), essa construção do saber concorreu com as formas tradicionais da Filosofia Moral e, mais tarde, com a chamada Filosofia Pública. Parece evidente, nesse sentido, que debates sobre temas como escravidão (sistêmica ou conjuntural) e redefinição das manifestações do ser humano no mundo (assim como os qualificativos atribuídos a esse mundo) são, hoje, mormente território intelectual do saber sociológico. Basta recordar que o primeiro tema era discutido por Hegel

e seus contemporâneos na revista *Minerva*,² e o segundo fora, até as duas últimas décadas do século anterior, tematizado preferencialmente por filósofos e artistas em debates como o do advento de uma *pós-modernidade*.³ Curiosamente, com o desenvolvimento das mídias de massa ao longo do século XX, foram as ciências sociais em geral – e aqui se inclui claramente a Sociologia – que se viram desafiadas a afirmar-se diante de discursos midiáticos concorrentes, tão acessíveis e sedutores, pela prevalência na explicação (social) do social. Por que razão, então, nessa luta por predomínio explicativo, compreensivo ou descritivo, a Sociologia logra manter sua especificidade?

Interessado nas transformações por que passava a Sociologia com o advento da globalização, Octavio Ianni⁴ chegou a afirmar que a Sociologia caracterizava-se por um estilo de pensamento próprio, isto é, distinto das demais áreas do saber, que se desenvolve a partir da Modernidade:

*A sociologia tem sido uma forma de autoconsciência científica da realidade social. Em uma linguagem diversa da linguagem de outras ciências sociais, inclusive da linguagem da filosofia e das artes, ela tem expressado momentos e movimentos importantes, muitas vezes essenciais, da dinâmica da sociedade, em âmbito nacional e mundial. [...] O modo pelo qual o pensamento sociológico se constitui e desenvolve, descrevendo, compreendendo e explicando, ou taquigrafando, relações, processos e estruturas, permite defini-la como um estilo de pensamento.*⁵

O que Ianni observa em termos diacríticos de linguagem em muito se aproxima da teoria luhmanniana da autodescrição sociológica da sociedade na própria sociedade. Em seu pensamento sistêmico, Luhmann⁶ desmembra a autopoiese da sociedade em três ramificações: comunicação, evolução e diferenciação. A esses ramos, associa, respectivamente, três dimensões cognitivas – social, temporal e objetivo-factual (*sachlich*) – através das quais seria possível que a sociedade se autodescrevesse.

² BUCK-MORSS, S. *Hegel, Haiti, and Universal History*. Pittsburgh: PUP, 2009.

³ A imersão das ciências sociais e humanas no debate sobre a pós-modernidade e posterior ingresso nas discussões sobre os processos são tematizadas claramente por ORTIZ, R. *Globalização: notas sobre um debate. Sociedade & Estado*, v. 24, pp. 231-254, 2009. Eu também tive ocasião de tratar dessa passagem no pensamento social – cf. ARNAUT, D. *A inteligência do mundo: sobre a cognição de processos globais em Octavio Ianni e Ulrich Beck*. São Paulo: Annablume, 2017.

⁴ IANNI, O. *Enigmas da Modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. _Idem. *Sociologia e Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

⁵ Idem, 2011, p. 311. Grifos do autor.

⁶ LUHMANN, N. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1998.

Ocorre que a metáfora da sociedade como autodescritora de si mesma é a expressão humana de uma tarefa de ofício. É a atores da sociedade que cabe a sua descrição, cognição, explicação. O meu objetivo, nas próximas páginas deste ensaio, é uma abordagem (sociológica) desses atores (I), abordando aspectos de sua missão e formação ontem e hoje (II).

I. Intelectuais (e) sociólogos

Kant, em seu opúsculo a respeito da perpétua paz mundial,⁷ imagina uma espécie de taverna-hospedaria (*Kirchhof*) na qual intelectuais estariam reunidos para especular a respeito dessa paz e debater sobre questões ligadas ao devir da humanidade. Se tivessem a devida prudência, os governantes deveriam, para Kant, dar-lhes ouvidos, a fim de que riscos fossem calculados e catástrofes, evitadas.

Nesse mesmo escrito, o autor aproveita a fábula para apontar um possível desvio platônico, a saber, o de fundir os papéis dos governantes aos dos pensadores. Numa leitura precipitada, talvez se pudesse pensar que essa distinção implicaria limitar as possibilidades de atuação desses últimos. Note-se, porém, que essa limitação é apenas aparente. Ao distinguir entre uns e outros, Kant atribui identidade e especificidade ao trabalho intelectual, permitindo-lhe aproximar-se das instâncias do poder coercitivo de Estado, sem se confundir com ele. E assim o autor inaugura, com rigorosa despretensão, um problema: *qual o papel do intelectual do ponto de vista do mundo?*

Na atual situação de globalização, esse problema permanece e desenvolve-se. Pode enunciar-se nos mesmos termos, mas parece ressoar de outro modo. Em um contexto de percepções globais de riscos, no qual o conhecimento e o desconhecido assumem uma posição decisiva, espera-se dos intelectuais que antecipem o devir – inclusive em sua pior configuração possível –, considerando efeitos e implicações nas relações, processos e estruturas no âmbito da humanidade. Dar ouvidos aos intelectuais (no sentido que lhe atribui Kant) significa preencher, ainda que precariamente, o vazio causado pelo medo

⁷ KANT, I. [1781] *Zum ewigen Frieden*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2008.

do futuro e do desconhecido. A fantasia do conhecimento sólido e profundo pode servir de antídoto contra a incerteza do devir.

O leitor pode se perguntar, nesta altura da argumentação, se esse conhecimento não deveria ser observado preferencialmente de um ponto de vista técnico, ou tecnológico. Há, quanto a isso, ao menos duas respostas.

Em parte, é preciso reconhecer que *sim*, já que tanto o cálculo dos riscos gerados pelas catástrofes, quanto as catástrofes geradas pelo próprio conhecimento advêm dos avanços do progresso técnico-científico moderno. Nesse sentido, cabe recordar que Anthony Giddens ⁸ atribuía aos avanços desses conhecimentos a responsabilidade pela produção e difusão de riscos na humanidade – o conhecimento seria, portanto, a *causa* dos riscos globais. Em contrapartida, um autor como Ulrich Beck ⁹ propõe que reconheçamos entre riscos e conhecimento uma relação de concessiva. Com isso, Beck sustenta que os riscos ocorreriam *a despeito* dos conhecimentos. De um ou de outro modo, não se pode cercar completamente os riscos em termos de cálculos probabilísticos. Sua ocorrência é involuntária, não desejada e, no limite, não previsível.

Curiosamente, esse também é o raciocínio que nos conduz a responder não, a desconfiar da apropriação puramente técnica das previsões e explicações do devir. Afinal, o interesse na intelecção de causas e, sobretudo, de consequências de catástrofes está nos seus efeitos sobre indivíduos e grupos. Por isso o próprio Ulrich Beck ¹⁰ entende ser esse tipo de antecipação, num contexto de globalidade, tarefa do sociólogo:

De fato, as "histórias" da sociedade mundial de risco devem ser pensadas tendo em vista o seu fim. Elas são, então, pensadas como algo terminado, quando se tenta antecipar o pior rumo possível. O pior rumo possível não é previsível. Reside no domínio do não-poder-conhecer, penetrando o acaso. Mas o não conhecimento não elimina a antecipação: ele a inclui, abrindo espaço para a construção de um cenário. A tarefa do sociólogo consiste em traçar as diversas e antagônicas antecipações do pior rumo possível, em seus impactos nas relações humanas . ¹¹

⁸ GIDDENS, A. [1990] *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 2008.

⁹ BECK, U. [1986] *Risikogesellschaft: Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.

¹⁰ Idem. *Weltrisikogesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp. 2008.

¹¹ *Ibidem*, p. 234-5. Tradução nossa. Grifos do autor.

Nessa linha de raciocínio, surgem, não obstante, ao menos, quatro novas questões. A primeira delas é de natureza modal: como é possível construir antecipações desse tipo? Disso depreendem-se outros dois problemas: como é possível, por um lado, comunicar ao grande público e, por outro, transmitir esse *savoir faire* a sociólogos em formação? Uma quarta questão seria em que medida distinguem-se e aproximam-se sociólogos e intelectuais?

Para responder à primeira questão é possível evocar dois dos clássicos da sociologia. Como foi possível, para Karl Marx, predizer o desenvolvimento das contradições que observava em gérmen na sociedade burguesa capitalista? Ainda, o que possibilitou que Max Weber teorizasse sobre o desencantamento do mundo e as formas de racionalização, partindo de fenômenos como o discurso ético do ascetismo puritano, tão restrito no espaço e no tempo, se considerarmos aquele contexto? Ora, é desse tipo de construto cognitivo que trata a sociologia. Com efeito, o grande sociólogo não pode limitar-se às evidências, tampouco aprisionar-se no método ou no discurso. Ele deve desenvolver uma espécie de saber prático que o permita antever desenvolvimentos vindouros, captar estruturas nascentes, relações dissimuladas, processos que começam a (ou estão em vias de) se constituir.

Uma vez apreendidos elementos dessas relações, processos ou estruturas (elementos, porque é raro, quando não inexecutável, que se apreendam efetivamente todas as dimensões), uma vez captadas linhas de forças ou fenômenos heurísticos, o sociólogo encontra, de pronto, um desafio: comunicar a pares, e sobretudo ao público mais geral, sua conquista intelectual. Quanto ao público geral, há a conhecida concorrência com os discursos midiáticos pelo domínio da explicação.¹² Através de uma abordagem mais enxuta e direta, e frequentemente "plutodimensional", as mídias difundem explicações para fenômenos sociais, oferecendo uma ampla e acessível gama de compreensões que, conquanto possam parecer rigorosas e relevantes, em geral não o são. A rapidez na difusão de conteúdo, aliada ao descompromisso institucional e a uma aparente desatenção por parte do público leitor tornam o discurso midiático uma fonte quase inesgotável de hipóteses, fabulações e imagens que jamais se elevaram, nem se elevarão, à posição de teorias, explicações, alegorias:

¹² BOURDIEU, P. *Sur la télévision*. Paris: Raisons d'agir, 1996.

*Na medida em que tem mais dificuldade do que qualquer outra ciência para se liberar da ilusão da transparência e para realizar, irreversivelmente, a ruptura com as prenoções; na medida em que, muitas vezes, lhe é atribuída, volens nolens, a tarefa de responder às questões últimas sobre o futuro da civilização, a sociologia está, hoje, predisposta a manter com um público, que nunca se reduz completamente ao grupo dos pares, uma relação mal esclarecida que corre sempre o risco de voltar a encontrar a lógica da relação entre o autor de sucesso e seu público ou, até mesmo, por vezes, entre o profeta e sua audiência. Mais do que todos os outros especialistas, o sociólogo está exposto ao veredicto ambíguo e ambivalente dos não-especialistas que se sentem com a autoridade de dar crédito às análises propostas, com a condição de que estas despertem os pressupostos de sua sociologia espontânea, mas que são levados, por essa mesma razão, a contestar a validade de uma ciência que eles só aprovam na medida em que ela coincide com o bom senso.*¹³

Todavia, a comunicação nem sempre é mais eficiente entre colegas cientistas sociais. Aliás, parece até mesmo que quanto mais profundas forem as transformações percebidas ou conquistadas pelo raciocínio sociológico, mais difícil se torna sua comunicação. Nesse sentido, a sociologia da globalização é exemplar: quase todos os estudiosos que produziram trabalhos relevantes sobre essa problemática (Octavio Ianni, Renato Ortiz, Milton Santos, Roland Robertson, Ulrich Beck, Nicklas Luhmann etc.) foram vítimas de enorme incompreensão da parte de seus pares, recebendo destes, décadas depois, algum reconhecimento. Com efeito, não se trata de um atraso fenomênico, de um descompasso entre teoria e práxis sociais. O que existe são, antes, descompassos de comunicação, fissuras de linguagem. No limite, essa conquista sociológica é um construto abstrato e de difícil expressão tendo em conta o arbitrário do signo – afinal, a palavra ideologia, por exemplo, não será o significante de sua diversidade notativa, e a polissemia do termo será sempre um desafio à precisão comunicativa da expressão sociológica.

Interessado na diversidade dos “sotaques” das ciências sociais ao redor do mundo, Renato Ortiz¹⁴ defende um ponto de vista que, com o devido cuidado, pode corroborar, ainda que parcialmente, a argumentação desenvolvida aqui. O fenômeno dos sotaques, observado por Ortiz numa situação de globalização, envolvendo as ciências sociais, pode ser usado, creio, para elucidar os descompassos comunicativos entre pares, assim como os esforços de

¹³ BOURDIEU, P; PASSERON, J-C.; CHAMBOREDON. [1968] *Ofício de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 36.

¹⁴ ORTIZ, R. *A diversidade dos sotaques: O inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008. Idem. *Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo*. São Paulo: Boitempo, 2015.

tradução. Trata-se de observar, em diferente perspectiva, um mesmo conflito gerado pela diversidade. Vale a pena citar uma passagem elucidativa:

*Penso ser possível dizer que o idioma das ciências sociais é compartilhado por uma mesma comunidade de falantes, cujos sotaques são, no entanto, distintos. Ao se atualizar em lugares afastados, ele guarda sua vocação cosmopolita, sem perder a diversidade que o constitui. A conversa entre os cientistas sociais pressupõe duas dimensões complementares: um universo comum e o esforço da tradução dos sotaques.*¹⁵

Mas essas dificuldades para comunicar construtos sociológicos novos a pares, e mesmo ao público em geral, conquanto altas, dificilmente se igualam ao desavio de transmitir esse *savoir faire* a sociólogos em formação. Isso porque o trabalho sociológico (e a compreensão a respeito dele) desenvolve-se a partir dele mesmo. Dito de outra forma, a sociologia pode ser vista como um saber prático, um saber fazer aprendido no concreto das dinâmicas, contradições, forças e alterações da sociabilidade na experiência social:

*A sociologia é difícil porque é preciso ter o olho. É muito difícil ensinar isso. Podemos apenas dizer: "Eu teria dito isso se estivesse em seu lugar". É um ofício no qual a aprendizagem é muito longa. O que estou tentando transmitir [ao longo do curso de 1º de Fevereiro de 1990 no Collège de France] é uma maneira de construir a realidade que permita ver os fatos que normalmente não vemos. Isso nada tem a ver com a intuição. É muito lento*¹⁶

Sim, a aprendizagem da sociologia, ou do raciocínio sociológico (diria Passeron) ocorre através de um desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, o sociólogo deve ter em vista, ao menos no horizonte das mais frutíferas possibilidades, tornar-se um intelectual. A construção do objeto sociológico é tão mais profícua quanto mais desenvolvidas forem as antenas de captação da experiência social. Vale enfatizar, aqui, a noção fundamental de *construção*: dizer que o objeto sociológico é construído significa afirmar, em contrapartida, que ele não está dado, não é algo evidente (disso advém, note-se, a necessidade de oitiva dos intelectuais). O ponto culminante desse argumento é a afirmação de que o *objeto sociológico é algo a ser conquistado*.¹⁷ Ele não se confunde com a realidade, tampouco se reduz à elaboração teórica. Mas será

¹⁵ Idem, 2015, p. 61.

¹⁶ BOURDIEU, P. [1989-92]. *Sur l'État*. Paris: Seul, 2012.

¹⁷ BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C.; CHAMBOREDON. Ibidem.

capaz de permitir uma apreensão relevante (e convincente) do real conforme a qualidade da sua construção. O ofício de sociólogo requer, antes de qualquer coisa, trabalho intelectual.

Note-se, porém, que ser sociólogo não é o mesmo que ser intelectual. Ao menos não necessariamente. Como apontava Sartre ¹⁸, um intelectual é aquele que, tendo adquirido notoriedade em um campo específico, expande seus horizontes de interpretação e atuação para além de sua especialidade. Evidentemente isso não remete de modo linear à prática sociológica. No entanto, há um quê de intelectual em todo grande sociólogo. E talvez isso ocorra precisamente porque o saber sociológico volta-se para o futuro, para o movimento das tendências. Afinal, mesmo quem trabalha com história do pensamento social o faz situando-se em um ponto de vista de um tempo que, em relação ao do seu objeto, é futuro. Mesmo quem investiga relações e estruturas aparentemente fixas e observáveis num tempo específico, presente, certamente concordará que há nelas um ensejo do porvir, como se elas pudessem representar as tendências das transformações e continuidades que virão. Com efeito, o sociólogo não está aprisionado ao seu objeto. Ainda que esteja situado em temporalidades e espacialidades, parece haver um elo comum a todo o raciocínio sociológico vinculando-o a esse horizonte. O futuro não é apenas um sentido, é um interesse. Sendo essencialmente incognoscível, o futuro jamais poderá ser apreendido por completo. Em razão disso, a previsão, o prognóstico ou, mais propriamente, a percepção do sociólogo, ganham *status* de explicação intelectual relevante. Talvez essa fosse, curiosamente, a predição de August Comte ¹⁹, ao delinear a sociologia como saber abrangente. E, com uma boa dose de audácia, talvez se possa suspeitar que, se Kant escrevesse hoje, talvez imputasse a sociólogos as vozes que deveriam ser auditas nas esferas de poder.

¹⁸ SARTRE, J-P. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁹ COMTE, A. *Leçons sur La Sociologie: Cours de philosophie positive*. Paris: Flammarion, 1999.

II. Notas sobre a formação intelectual do sociólogo

Uma reflexão sobre a sociologia e, em especial, sobre o ofício de sociólogo, não pode prescindir de ao menos uma nota a respeito da formação do sociólogo.

Diferentemente dos fundadores da disciplina, os atuais aprendizes do ofício de sociólogo desta primeira metade do século XXI não são formados a partir do espírito humanista de longo alcance – no qual se formou Max Weber, por exemplo. Comparativamente, há também muito mais limites disciplinares do que os existentes para os estudantes do início do século passado. Com efeito, a institucionalização das ciências sociais, bem como sua fragmentação (formal) em disciplinas segmentadas, forçou a atitude de classificar, enquadrar e “encaixotar” o patrimônio intelectual das ciências sociais segundo uma ordem meramente disciplinar (e disciplinadora). Essa ordem nada tem a ver com a *ordre des raisons* descartiana, tampouco espelha uma possível adequação a um tratamento mais adequado para objetos de pesquisa. Pouco há de razoável – e menos ainda de intelectual – nesses enquadramentos. Eles apenas fragmentam a experiência de estudantes que passam creditar-se (e, assim, acreditar-se) sociólogos, antropólogos, politólogos, demógrafos, como se o nome impresso nos seus diplomas representasse, factualmente, um sinal de distinção. Com frequência têm, e isso é notório, dificuldades para discernir uma disciplina da outra, a menos que essa diferença venha impressa, escrita, preestabelecida. A imprescindível indicação rotular denuncia, a todo e qualquer observador atento, a ausência de critérios concretos e orgânicos que as diferencie em termos de formação.

Essa ausência vem sendo encoberta, no entanto, por uma presença, sintetizada, frequentemente sem o devido rigor terminológico no condescendente (mas lucrativo) *viés interdisciplinar*. Parece-me que não há problemas com a ideia de interdisciplinaridade em si própria, e que este talvez seja um caminho de renovação e crescimento tanto para a sociologia quanto para outras ciências sociais. O incômodo que esse “viés” provoca está no fato de ele vir sendo errônea e artificialmente implantado nos cursos de formação básica, com especial destaque para a graduação. Essa implantação parece-me arriscada por ao menos duas razões. Primeiro porque, como sugere o radical a despeito do prefixo da palavra, tanto a *inter-* quanto a *trans-* e a

multidisciplinaridade somente podem ser fundadas na disciplinaridade. Ora, se, como dito anteriormente, até mesmo a formação disciplinar apresenta-se fragmentada no atual contexto, são previsíveis dificuldades para elos substantivos entre diferentes (e igualmente incompletas) formações disciplinares. É claro que se poderá contrapor a esse argumento a promessa de que o “diálogo” entre disciplinas complementaria essa formação, representando um retorno à proposta de cognição ampla dos “fenômenos da matéria e do espírito”. Mas reside precisamente aqui o segundo incômodo que esse viés provoca. Com efeito, a prática de pesquisas ditas *inter-* e *transdisciplinares* frequentemente apresenta-se como um somatório de contribuições, advindas de diferentes lugares intelectuais, trespassado por relações de poder advindas das hierarquias disciplinares historicamente conquistadas. Uma autora como Leila da Costa Ferreira, reconhecendo a recorrência de imposições mascaradas “*de concepções de apenas alguns setores da comunidade científica*”²⁰, observa que, nesse contexto, situamo-nos menos na condição de trespassar saberes concretamente, e mais nas “franjas” desses saberes diversos.

Partindo dessa perspectiva, em que medida a inteligência de processos, relações e estruturas sociais poderia tirar proveito de saberes desenvolvidos fora da sociologia, das ciências sociais e mesmo das ciências humanas? Parece-me que essa extrapolação disciplinar, com resultados abrangentes e, ao mesmo tempo, relevantes, rigorosos e densos, só possa ser realizada, ao menos *idealtipicamente*, pelo trabalho de uma única cabeça. Sim, a capacidade de ultrapassar, driblar ou trespassar fronteiras disciplinares é, por excelência, *tarefa de um intelectual*.

Mas como seria, ou deveria ser, a formação de um intelectual com vistas a essa tarefa? Para responder a essa pergunta, é necessário, curiosamente, retornar aos contornos da disciplinaridade. Eis o raciocínio. Como dito, o intelectual é alguém que logra elevar-se de uma notoriedade angariada a partir de uma área em que era, originalmente, especialista. (Note-se que dificilmente alguém se torna intelectual sem ter sido, antes, capaz de sobressair-se ou ao menos desenvolver-se intelectivamente em alguma área do saber.) Com base nessa ideia, é possível afirmar que o intelectual *transdisciplinar* é aquele que

²⁰ FERREIRA, L. C. *A questão ambiental na América Latina*. Campinas: UNICAMP, 2011. p. 11.

logrou desenvolver um grau de maturidade reflexivo-cognitiva em ao menos duas disciplinas distintas a tal ponto que, *partindo de sua própria erudição*, torna-se capaz de estabelecer interseções, reestruturações e interferências entre esses saberes. Isso não significa que a interdisciplinaridade comum, ensaiada em grupos de pesquisas, não produza explicações relevantes do real. Significa, antes e para além disso, que a fronteira entre as disciplinas, sendo um construto abstrato e intelectual, dificilmente será superada por completo apenas através de um método dialético: essa superação parte de um saber amadurecido e abrangente, profundamente enraizado nas matrizes (sim!) disciplinares e expandido *por dentro delas*.

Vale notar que há, nessa proposta, pouco de novidade. Pode-se dizer, aliás, que ela contrapõe uma tendência atual com base em uma tradição. Afinal, quanto de biologia, física e psicologia não aprendeu Émile Durkheim para fundar a sociologia como ciência? Ou ainda, quanto de economia, filosofia política e epistemologia não aprendeu Karl Marx para lograr escrever um trabalho que fosse relevante para essas e tantas outras áreas do saber? Quanto de teoria da música e percepção musical não devem ter estudado Max Weber e Theodor Adorno? Nos escritos de cada um deles é possível identificar fundamentos (no plural) consideravelmente sólidos conduzindo seus raciocínios e iluminando suas interpretações.

Ora, se somarmos os constrangimentos advindos da institucionalização das ciências sociais, promotora de uma lógica industrial de produção científica (quantidade, celeridade, resultado) à roupagem açodada dos cursos de mestrado e doutorado, cujo caráter de *etapa de formação* parece deixado definitivamente em segundo plano; elevando-se ainda esse cálculo à potência da crença planetária da representatividade efetiva das citações, o resultado que observamos nessa operação talvez não pareça mais decisivo que o clima pouco propício à ampliação de consciências e fronteiras intelectuais, trilhas de pensamento e sensibilidade. Não há lugar para o tempo, para a reflexão pausada, artesanal. E também não há lugar para o espaço. O pouco que há se consome em projetos de pesquisa cada vez mais homogêneos, efeito colateral dos editais de financiamento que atravessam peculiaridades e variações diatópicas, forçando a criação de uma linguagem partilhada na qual qualquer

franzido de criatividade (e, portanto, de genuína criação) deve inevitavelmente ser desamarrotado.

Outrossim, os estímulos ligados ao fetiche da “internacionalização” não lograram, ao menos ainda, representar uma efetiva expansão de horizontes de experiência e comunicação. Afinal, regras de inscrição e seleção de inscritos, obedecendo à racionalidade burocrática de cálculo e previsibilidade, terminam por tratar como *treinamento*, para falar como Weber, aquilo que deveria ser desenvolvimento complexo, unicidade, expansão. É assim que multiplicam, ao lado de tímidos deslocamentos mais ambiciosos, programas de intercâmbio *taught in (simplified) english*, nos quais as rarefeitas visitas à gramática encafuam o pretense brilho da experiência *abroad*, cirurgicamente inseridas que estão em currículos cada vez mais atentamente manufaturados. Sem espaço no tempo, e não perdurando no espaço, a formação perde-se esvaziadamente sem lugar.

Em meio a esse quadro, é curioso recordar que, ao construir a ideia de universidade moderna, Wilhelm von Humboldt ²¹ procurou blindar os estabelecimentos científicos superiores de Berlim (*höhere wissenschaftlichen Anstalten*) desses constrangimentos, e mesmo daqueles impostos pelo Estado:

A universidade [esta não é a universidade moderna!] encontra-se sempre numa relação estreita com a vida prática e com as necessidades do Estado, porque se encarrega sempre por ele de tarefas práticas da direção da juventude; ao passo que a academia [Akademie] se ocupa unicamente da ciência em si. As relações dos professores de universidade entre si são meramente gerais e dizem respeito a pontos de ordenação interna ou externa de uma disciplina; só se informam reciprocamente sobre suas próprias tarefas na medida em que o desejo próprio os leva a fazê-lo, senão cada qual segue o seu próprio caminho. A academia, ao contrário, é uma sociedade que se destina verdadeiramente a submeter o trabalho de cada um ao julgamento de todos. ²²

E conclui:

Desse modo, deve-se manter a ideia de uma academia como o mais alto e último refúgio da ciência, como a corporação mais independente do Estado, e deve-se aceitar a exposição ao risco de ignorar se tal corporação mostrará uma atividade menor e unilateral, porque nem sempre as melhores condições externas favorecem o melhor. Digo que se deve correr o risco porque a ideia é em si mesma bela e benfazeja, e

²¹ HUMBOLDT, W. [1809/10] Sobre a organização interna e externa dos estabelecimentos científicos superiores em Berlim. In CASTILHO, F. *O conceito de universidade no projeto da Unicamp*. Campinas: Unicamp, 2008.

²² *Ibidem*, p. 196-7.

*sempre pode surgir um instante em que ela se efetive de um modo digno dela.*²³

Essa citação é longa, mas vale a pena ser lida porquanto faz menção às questões abordadas aqui e a muitas outras que, sendo complexas, prefiro tratar noutra oportunidade, como a burocratização dos docentes e a fusão obrigatória entre ensino e pesquisa. A respeito disso, creio ser suficiente recordar, sem mais, um trecho da célebre conferência de Weber, *Ciência como vocação (Wissenschaft als Beruf)*:

*Todo jovem que creia ter vocação de cientista deve se dar conta de que a tarefa que o aguarda reveste-se de um aspecto duplo. Ele dever ter, não apenas as qualificações de cientista, mas também as de professor. Ora, essas duas características não são, em absoluto, coincidentes.*²⁴

À GUIA DE CONCLUSÃO

A cognição de relações, processos e estruturas sociais não pode prescindir de erudição. É nesse sentido que o sociólogo deve, o mais que puder, penetrar nas diferentes dimensões do saber, a fim de enriquecer suas possibilidades de percepção, compreensão, explicação dos fenômenos do presente, do passado, tendo em vista as tendências do futuro. Com efeito, não se trata de simples profetismo, mas da cognição de processos, germinações do social.

Realizar essa tarefa implica o desenvolvimento de um raciocínio complexo e penetrante que, a meu ver, não será desenvolvido com uma formação generalista, para não dizer genérica, travestida de interdisciplinaridade. A atitude deve ser, antes, a de estimular a aquisição de repertório e a exploração técnica, empírica e teórica de uma ou mais disciplinas, com vistas à posterior extrapolação de suas fronteiras e limitações. Esse é um dos caminhos através dos quais o ofício de sociólogo pode aproximar-se e fundir-se com a tarefa do intelectual, engendrando as condições para a elaboração de interpretações convincentes e relevantes da sociedade presente e pretérita, sempre tendo em vista o que há de tendencial, que é o sopro de uma sociologia do futuro.

²³ Ibidem, p. 197.

²⁴ WEBER, M. [1922] *Wissenschaft als Beruf*. In *Geistige Arbeit als Beruf. Vier Vorträge vor dem Freistudentischen Bund. Erster Vortrag*. München und Leipzig: Verlag von Dunker und Humblot, 1919, p. 8. Tradução nossa.

REFERÊNCIAS

ARNAUT, D. *A inteligência do mundo: sobre a cognição de processos globais em Octavio Ianni e Ulrich Beck*. São Paulo: Annablume, 2017.

BECK, U. [1986] *Risikogesellschaft: Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.

_____. *Weltrisikogesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 2008.

BOURDIEU, P; PASSERON, J-C.; CHAMBOREDON. [1968] *Ofício de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Sur la télévision*. Paris: Raisons d'agir, 1996.

_____. [1989-92]. *Sur l'État*. Paris: Seul, 2012.

BUCK-MORSS, S. *Hegel, Haiti, and Universal History*. Pittsburgh: PUP, 2009.

COMTE, A. *Leçons sur La Sociologie: Cours de philosophie positive*. Paris: Flammarion, 1999.

FERREIRA, L. C. *A questão ambiental na América Latina*. Campinas: UNICAMP, 2011.

GIDDENS, A. [1990] *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 2008.

HUMBOLDT, W. [1809/10] *Sobre a organização interna e externa dos estabelecimentos científicos superiores em Berlim*. In CASTILHO, F. *O conceito de universidade no projeto da Unicamp*. Campinas: Unicamp, 2008.

IANNI, O. *Enigmas da Modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Sociologia e Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KANT, I. [1781] *Zum ewigen Frieden*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2008.

LUHMANN, N. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1998.

ORTIZ, R. *A diversidade dos sotaques: O inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. *Globalização: notas sobre um debate*. *Sociedade & Estado*, v. 24, pp. 231-254, 2009.

_____. *Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SARTRE, J-P. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

WEBER, M. [1922] *Wissenschaft als Beruf*. In *Geistige Arbeit als Beruf*. Vier Vorträge vor dem Freistudentischen Bund. Erster Vortrag. München und Leipzig: Verlag von Dunker und Humblot, 1919.